



PIBIC/CNPq/UFCA-2009

## **AS MIGRAÇÕES SAZONAIS DE JOVENS RURAIS DOS MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS E TAVARES**

**José Aderivaldo Silva da Nóbrega<sup>1</sup>, Marilda Aparecida de Menezes<sup>2</sup>**

### **RESUMO:**

Este artigo foi elaborado a partir dos trabalhos relativos à Pesquisa Migrações Sazonais de Jovens Rurais 2008-2009 que tem como objetivo analisar as migrações sazonais de jovens de áreas rurais do Sertão Paraibano para as usinas de cana de açúcar do Estado de São Paulo. O contexto atual do setor é de expansão das lavouras de cana e de inovação das tecnologias aplicadas ao plantio e cultivo, contudo, o suporte tecnológico nesta atividade não dispensa a existência do trabalho manual. A exigência passa a ser de grande quantidade de trabalhadores, mas também, de um ritmo de trabalho manual que garanta alto índice de produtividade. A pesquisa constatou um alto número de jovens oriundos dos municípios de São José de Piranhas e Tavares presentes no corte da cana em municípios do interior paulista. A existência de jovens cortando cana está relacionada não só com a capacidade física de realizar o trabalho, mas com a própria disposição para se submeter ao regime de trabalho e ao controle disciplinar dos alojamentos. A estratégia da migração, no sentido atribuído pelos jovens entrevistados, representa a possibilidade de superar as limitações de emprego e atender à necessidade de manutenção das condições de sobrevivência e desejo de melhorar de vida, não obstante o desgaste que o trabalho proporciona, a saída da escola etc.

**Palavras-chave:** juventude, migração, autonomia

## **THE SAZONAL MIGRATIONS OF THE RURAL YOUNGS OF THE CITIES OF SÃO JOSÉ DE PIRANHAS AND TAVARES**

### **ABSTRACT**

This article was elaborated from the relative works to the Research sazonal migrations of Agricultural youngs 2008-2009 that it has as objective to analyze the sazonal migrations of young of agricultural areas of the Paraibano Hinterland for the plants of sugar cane of sugar of the State of São Paulo. The current context of the sector is of expansion of the sugar cane farmings and from the innovation of the technologies, however, the technological support in this activity does not excuse the existence of the manual work. The requirement starts to be of great amount of workers, but also, of a work rhythm that guarantees high index of productivity. The research evidenced one high number of deriving young of the cities of Is Jose de Piranhas and Tavares gifts in the cut of the sugar cane in cities of the São Paulo. The existence of young cutting sugar cane is related not alone with the physical capacity to carry through the work, but with the proper disposal to submit itself to the regimen of work and the control to discipline of the lodgings. The strategy of the migration, in the direction attributed for the interviewed young, represents the possibility to surpass the limitations of job and to take care of to the necessity of maintenance of the conditions of survival and desire to improve of life, not obstante the consuming that the work provides, the exit of the school etc.

**Keywords:** young, migration, autonomy

<sup>1</sup> Aluno do curso de Ciências Sociais, Unidade Acadêmica de Sociologia e Antropologia, UFCA, Campina Grande, e-mail: aderivaldocg@gmail.com

<sup>2</sup> Socióloga, Professora Doutora da Unidade Acadêmica de Sociologia e Antropologia, UFCA, Campina Grande, e-mail:

## INTRODUÇÃO

Este artigo foi elaborado a partir da Pesquisa Migrações Sazonais de Jovens Rurais, realizada no período de agosto de 2008 a julho de 2009, que trata das migrações de jovens dos municípios de São José de Piranhas e Tavares, no Estado da Paraíba, para trabalhar no corte de cana de açúcar em usinas no Sudeste Brasileiro, especificamente, no Estado de São Paulo.

Vários autores têm enfatizado que o complexo agroindustrial canavieiro, a partir de 2003, vivencia um período de forte expansão, que, segundo Alves (2007: 21), assemelha-se a fase áurea do Proálcool na década de 1970, por dois motivos: “tanto na década de 1970 quanto agora, o principal produto do processo de expansão do complexo é o álcool; e o segundo motivo trata do processo de expansão, que necessita da imigração de trabalhadores vindos de regiões distantes de São Paulo, como Maranhão, Piauí e outros estados do Nordeste”.

Apesar da existência da mecanização no plantio e corte da cana, ainda é muito importante o corte manual. Assim, para atender a expansão da produção, são necessários tanto um maior número de trabalhadores quanto de melhor qualidade, de modo a garantir altas taxas de produtividade.

Alves nos diz:

“O processo de trabalho é capaz de esclarecer a necessidade de trabalhadores tanto em seu aspecto quantitativo quanto qualitativo, e são esses aspectos que definem o perfil dos trabalhadores a serem contratados, o que demonstra a necessidade de homens, predominantemente jovens e migrantes” (2007: 30).

Mas, por que os migrantes e não trabalhadores locais são os contratados pelas usinas para plantio e colheita? Os gerentes de recursos humanos argumentam que faltam trabalhadores no local, no entanto, isso contrasta com o diagnóstico das prefeituras que apontam o desemprego como um dos maiores problemas dos municípios na região de Ribeirão Preto (2007: 43-4). Essas opiniões divergentes questionam o argumento de que os migrantes são contratados devido a escassez de trabalhadores locais, pois há indicativos de que há mão de obra disponível na região canavieira. Assim, a contratação dos migrantes não se explica apenas pela necessidade quantitativa, mas é também uma questão da qualidade dos trabalhadores requeridos pelo complexo agroindustrial canavieiro. Segundo Alves (2007:44), a qualidade não se refere a habilidades exigidas pelo avanço tecnológico, mas antes trata-se de que sejam trabalhadores acostumados à execução de determinadas atividades repetitivas, cansativas, que requerem resistência física. Os migrantes seriam os “mais aptos a suportar os rigores da produção canavieira do que os trabalhadores locais, fundamentalmente da região canavieira de Ribeirão Preto”.

Silva (2007, Relatório São Raimundo Nonato) nos diz que os bóias frias que residem na área canavieira não reproduzem trabalhadores para as usinas, pois os filhos seguem outras trajetórias:

“Ai nós vamos encontrar os chamados bóias- frias que são os nossos trabalhadores que vivem às margens da cidade, que são minorias, porque com o passar do tempo nós não vimos acontecer uma reprodução desses trabalhadores. Então filho de trabalhador rural de lá [São Paulo], dificilmente vai ser bóia- fria. Por que? Desde que aquela criança nasce, o pai e a mãe falam: “Meu filho jamais será um bóia- fria de cana”, ele vai para escola, ele vai ter que estudar, ele vai ter que fazer alguma coisa, mas jamais ele vai ser um trabalhador de roça. Então nós temos aí uma ética como tinha os imigrantes italianos que continuaram os trabalhadores, até mesmo os operários. O trabalho da cana pela sua perversidade corta até isso, faz com que a classe trabalhadora não tenha a possibilidade de ter uma ética do trabalho, porque o ensinamento segue pela negação. “Meu filho não será um cortador de cana” esse é um dado importante, porque a última coisa que o pai pode desejar a um filho, que ele seja um cortador de cana. Um detalhe que eu acho importante que é um acesso simbólico certo, mas tem uma força muito grande” (Silva, 2007, Rel. s.Raimundo Nonato)

Seguindo o argumento de Silva, as famílias de bóias-frias tentam alterar a trajetória de seus filhos, socializando-os para outras atividades. Assim, não haveria uma oferta de trabalhadores locais para suprir a expansão da área plantada com cana.

Os trabalhadores migrantes são considerados aptos para suportarem o trabalho pesado da agricultura canavieira, por terem sido socializados desde crianças a trabalharem na agricultura. Assim desenvolveram resistência física e habilidade para o trabalho agrícola.

Um segundo argumento que explica a contratação de trabalhadores migrantes é a diferença de remuneração entre o setor canavieiro e dos seus locais de origem na região Nordeste, que em geral é em torno de um terço do salário ganho nas usinas. O desejo de conseguir o melhor salário para atender as

necessidades durante a estadia em São Paulo, para manter a família que fica e, ainda, se possível, alguma poupança faz com que os migrantes sejam trabalhadores “adaptados às novas exigências do corte de cana, em termos de produtividade, dispêndio de energia e baixa remuneração” (Alves, 2007).

Os trabalhadores migrantes são, em geral, provenientes de regiões caracterizadas pelo acesso, mesmo precário à terra, e pela produção orientada primordialmente para o auto-consumo. Como dissemos anteriormente, são trabalhadores socializados no trabalho agrícola e, portanto, tem o corpo disciplinado para as exigências do corte de cana. Em algumas narrativas, há menção aos salários mais baixos aos migrantes do que aos “paulistas”.

“ O sindicato tem raiva da gente, por que antes dos *paraibas* terem chegado lá eles não iam cortar cana a qualquer preço, sabe, os paulistas determinavam o preço da cana, ai como aqui ganha pouco uma diária de 5 reais, dois, dois e cinquenta, ai foi indo, foi indo mais gente, ai os paulistas ficou com raiva, diz eles que a gente tomou o serviço deles, por que eles trabalhavam a diária a 5 reais, e a gente chegava lá os gatos pagavam três, quatro reais, é o povo em geral assim, tem alguns que não, a maioria diz que a gente pegou o serviço deles. Por que nossos trabalhava de um preço, e eles trabalhavam de outro, ai entrou o ministério e criou um tabela de preço, a baixo do que eles trabalhavam antes, ai ficou assim, por que era um preço, mas agora trabalham no preço do sindicato.e é mais baixo do que eles trabalhavam lá. Ai por isso que tem uma certa discriminação por nós.”

Esse fragmento nos mostra o conflito existente entre os *paraibas* e os *paulistas*<sup>3</sup>.

Além de adaptados, devido à resistência física, são considerados, também, dóceis, educados e cordatos. Essa tese de que os migrantes são mais produtivos e obedientes do que os trabalhadores locais também era defendida pelos administradores, fiscais e engenheiros de usinas no Estado de Pernambuco, conforme pesquisa realizada no período de 1994-1998 na Zona da Mata Norte. No entanto, não encontramos evidência empírica que a comprovasse. Assim, tratava-se de uma construção simbólica dos agentes de dominação para expressar a diferenciação dos trabalhadores (Menezes, 2002) entre os locais e os migrantes, o que, era, muitas vezes, legitimada pelos próprios migrantes, na medida que se sentiam mais produtivos do que os locais.

A questão que precisaria ser problematizada é se a tese da resistência física e docilidade dos migrantes pode ser fundamentada com evidencia empírica ou se é uma construção simbólica dos agentes de dominação nas lutas por classificações do que constitui “bom trabalhador”. Nesse sentido, a imagem dos migrantes como fortes, obedientes, aptos para o trabalho da cana de açúcar pode ter maior eficácia à medida em que é, também, incorporada pelos próprios trabalhadores migrantes nas suas práticas cotidianas no trabalho.

Em entrevistas que realizamos com alguns arregimentadores e empreiteiros, observamos que essa tese é reafirmada. Como exemplo segue um fragmento de entrevista realizado com o Empreiteiro Z no município de Rio das Pedras que contrata trabalhadores para a Usina Furlan:

*“o migrante produz mais. Como ele vem de longe com o intuito de comprar uma terra, uma casa, uma moto, então ele produz. Para se ter uma idéia, ano passado se falou que o pagamento seria mensal e não mais por produtividade, coisa do Ministério do Trabalho. Os migrantes comentaram que essa medida não seria interessante”.*

O fato dos trabalhadores locais trabalharem em outras atividades agrícolas é também mencionado pelo Administrador do Alojamento do empreiteiro Z no município de Rio das Pedras. Ele diz:

“O pessoal daqui, São Paulo, não serve para trabalhar, hoje em dia, um pedreiro ganha mais que o escriturário. O único paulista no alojamento sou eu. Eles mesmos não procuram o trabalho na cana. O trabalho em São Paulo (cidade) exige certo nível de estudo e na cana na exige nada. Lá em SP ( cidade) não se tira 900,00 por mês. Nem entra nas firmas. Tem cortador de cana que tem 2º. Grau.

Além disso, o administrador também ressalta a docilidade dos migrantes:

“ o trabalhador **não pode** ser agressivo, quem traz são os irmãos, primos, etc. são tudo parente, vizinho, cunhado, compadre. Aí tem uma base de como é o comportamento deles”.

---

<sup>3</sup> Não temos pesquisa própria e nem temos conhecimento de outras pesquisas que tenham se dedicado a uma análise mais cuidadosa dessas classificações. No momento, aceitamos a classificação adotada pelo migrante.

Acreditamos que outros fatores explicam o aumento da contratação de migrantes nas usinas de cana de açúcar do Estado de São Paulo, como a organização dos trabalhadores na década de 1980 que reivindicavam melhores condições de trabalho e salário. Concordamos com a Profa. M.A.M. Silva em sua palestra no Encontro da Pastoral de Migrante em Raimundo Nonato em 2007 em que lembra a greve de Guariba como um marco importante nas relações de trabalho da agroindústria canavieira:

Em síntese, poderíamos dizer que a contratação de trabalhadores migrantes fundamenta-se na expansão e modernização do setor sucro-alcooleiro que demandou um número maior de trabalhadores, na organização dos trabalhadores canavieiros, especialmente na década de 1980, na existência em quantidade e qualidade de trabalhadores em outras regiões que compreendem que o trabalho nas usinas, corte de cana e plantio, é, uma possibilidade de emprego e renda.

Até a década de 90 havia uma predominância de trabalhadores migrantes provenientes do Vale do Jequitinhonha, Estado de Minas Gerais e do Estado da Bahia. Desde meados da década de 1990, as usinas intensificaram a contratação de trabalhadores procedentes dos Estados do Piauí, Maranhão, Bahia, Minas Gerais e Paraíba. Estes trabalhadores migrantes têm um contrato de trabalho temporário, permanecem na região canavieira entre abril e dezembro, moram em alojamentos, pensões improvisadas e cortiços localizados na periferia das cidades. A seleção e arregimentação é realizada por uma rede de agentes – arregimentadores, empreiteiros, turmeiros, usineiros que atuam de forma conectada para viabilizar as diversas fases de seleção e contratação dos trabalhadores migrantes.

### **Migração do Sertão Paraibano para as Usinas de São Paulo**

Na Paraíba dois municípios têm se destacado quanto ao número de pessoas que migram, a saber, São José de Piranhas e Tavares. O primeiro localiza-se no extremo Oeste do Estado, a 492 Km da capital João Pessoa, na área que faz divisa com o Estado do Ceará, especificamente com o município de Barro. De acordo com o censo demográfico de 2000 o município tem 17.974 habitantes, destes, 8.111 estão na zona urbana e 9.765 encontram-se na zona rural (IBGE, 2000). Os dados do censo agropecuário 2006 mostram um número muito significativo do rebanho bovino mostrando que a pecuária se associa com a agricultura na qual se planta feijão, milho, arroz, algodão, além de frutas como coco, castanha de caju, banana entre outras. O município está integrado à bacia do Rio Piranhas que se estende do extremo Oeste da Paraíba até o Rio Grande do Norte. O município possui unidade hospitalar com atendimentos de baixa complexidade, geralmente, os casos dessa natureza são inicialmente encaminhados para Cajazeiras. No que se refere à questão educacional o município oferece educação básica (Níveis Fundamental e Médio), sendo o ensino Fundamental tanto na zona rural como urbana.

Já O Município de Tavares é situado na micro-região da Serra de Teixeira e está há 429 KM de distância da capital João Pessoa. Ao norte limita-se com os municípios de Nova Olinda e Juru; na parte sul, com o município de Princesa Isabel e o com o estado de Pernambuco; ao leste, com o município de Juru e o estado de Pernambuco e, a Oeste, com o município de Princesa Isabel. Em termos populacionais, Tavares tem 13.584 habitantes sendo que, 5.017 estão na zona urbana e 8.567 estão na zona rural. Em relação às atividades desenvolvidas destaca-se a produção do milho, feijão, mandioca, arroz, batata doce, fava, cana-de-açúcar dentre outros. Há famílias com mais recursos que desenvolvem a atividade pecuária e, além disso, produzem queijo e vendem leite, bem como há presença de outros rebanhos, a saber, caprinos, ovinos, suínos criados sempre na perspectiva de consumo interno associado à comercialização em momentos particulares. No que se refere à saúde pública o município dispõe de Unidades de Saúde na Família (PSF) e atende casos de baixa complexidade. Na questão da rede de escolas estaduais, municipais e privadas, observou-se no cadastro do INEP a existência de cinco unidades das quais três se situam em zona rural e duas na zona urbana do município. As escolas da zona rural recebem educação do ensino fundamental e a zona urbana tem escola que oferece educação de nível médio inclusive na modalidade de escola normal.

O objetivo central foi analisar as migrações sazonais de jovens de áreas rurais do Sertão Paraibano, especificamente dos municípios de São José de Piranha e Tavares, para as usinas de cana de açúcar do Estado de São Paulo. Para consecução de tal objetivo tornou-se importante: (a) identificar a composição de idade, escolaridade e condição sócio-econômica da família dos migrantes que trabalham nas usinas em São Paulo; (b) analisar as concepções dos migrantes sobre o trabalho nos canaviais e (c) analisar as formas de utilização da renda quanto ao consumo pessoal e familiar.

Associada à preocupação de conhecer o campo da pesquisa e os atores locais envolvidos com as migrações para as usinas de cana de açúcar do Estado de São Paulo, revisamos a literatura sobre o assunto bem como algumas categorias, como a de migração.

A categoria migração está relacionada à compreensão de diversos processos sociais, tais como as reconfigurações da família, rupturas temporárias dos migrantes com sua localidade de origem, novas relações sociais estabelecidas nos locais onde trabalham. Esses processos sociais exigem a adoção de uma postura teórico-metodológica que pense os migrantes enquanto sujeitos. Assim, não se trata apenas

de identificar as rotas migratórias e as características sociais, demográficas e econômicas dos migrantes, mas analisar como é um processo social que “atinge os (as) que partem e os (as) que ficam” (Menezes 2002; Silva, 2006). Trata-se, portanto, de verificar a presença de elementos objetivos, estruturais, ideológicos, culturais e subjetivos.

Quanto à categoria juventude, é importante não se prender exclusivamente a definições que se fundamentem na faixa-etária ou a uma sucessão de etapas da vida. GUIGOU (1968) no estudo da juventude rural na França identificou os jovens como sendo o rapaz ou moça de 16 a 24 anos de idade. Para este autor três fases constituiriam o jovem: a primeira dos 16 aos 18 anos, marcada pela interação e formação de “grupo de colegas”; a segunda é dos 19 aos 21 anos quando se tem a aproximação da idade mais madura, geralmente prestam serviço militar os rapazes; a terceira é entre 22 e 24 anos quando o jovem constitui o lar e tem definição do trabalho que pretende desenvolver etc. O enquadramento do conceito de juventude dentro de uma temporalidade ou de uma escala sucessória de momentos é, pois, visto de maneira problemática por Bourdieu (1983). Para ele tratar do conceito de juventude a partir de idade significa lidar com um dado manipulável e que se modifica de acordo com os diversos espaços sociais nos quais as posições ocupadas pelo indivíduo variam e não necessariamente se circunscrevem a uma faixa etária. Ou seja, não se pode associar automaticamente o termo jovem ao indivíduo de 16 anos, mas deve-se observar, além da idade, qual a posição que este indivíduo ocupa no espaço social e que definição ele recebe no sistema de referência em questão, além de como ele se afirma. Galland *apud* Stropasolas (2002) compreende que a juventude é um momento transitório da vida do sujeito e que é marcado por quatro fases: “fim dos estudos, início da vida profissional, partida do domicílio familiar e formação de um casal”. Esta concepção põe a categoria juventude sob a perspectiva de um processo de moldagem do jovem dentro de uma sucessão de fases, as quais indicam uma absoluta conformidade ou harmonia e não considera o caráter da contradição dos conflitos imanentes à formação do jovem.

Com o final dos trabalhos de campo e das leituras pôde-se obter um banco de dados que nos informa sobre as trajetórias de migração dos cortadores de cana daqueles municípios. Na análise e discussão desses dados produzidos destaca-se o fato de a migração para o corte da cana ser uma estratégia adotada, eminentemente, por jovens de idade, fato que atende aos interesses das usinas e empreiteiras no que se refere ao trabalho de alta produtividade e, concomitantemente, atende ao sonho do jovem de melhorar sua condição de vida a partir do trabalho fora de sua localidade de origem.

## METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa pensada por Bourdieu, e tomada como referencial neste trabalho, é mais do que a mobilização de técnicas de coleta de dados, ela implica a capacidade de articular essas técnicas com as categorias analíticas. Para este autor, não há separação entre a dimensão metodológica e teórica, mas deve-se considerar as duas como pertinentes ao mesmo processo (Bourdieu, 1989; 2007). E, com isso, deve o pesquisador preocupar-se com a mobilização das estratégias de pesquisa relacionadas à explicação do problema de pesquisa.

Assim sendo, como técnicas de pesquisa foram utilizados: questionários, entrevistas e observação. Os questionários foram aplicados em São José de Piranhas e em Tavares no momento em que os trabalhadores chegaram para o período entre-safra. Foram aplicados 187 questionários até o presente momento, dos quais, 41 no município de Tavares e 146 no município de Piranhas. Sua aplicação foi aleatoriamente considerando o parâmetro de ser ter ido para o corte de cana. Para tanto, existiu o apoio de lideranças sindicais e demais moradores da região que auxiliaram no sentido de identificar localidades nos respectivos municípios que tinham moradores que trabalhavam no corte de cana e que se encontravam em período entre-safra.

A pesquisa de campo englobou, além da aplicação de questionário, a observação de espaços de sociabilidade mais lúdicos como, por exemplo, os jogos de futebol, as festas, os churrascos. Tivemos a oportunidade de frequentar bares e jogos de futebol que se encontravam em período de alta frequência em função da presença dos cortadores de cana. Nestas ocasiões houve conversas longas e sem questionários, verdadeiros momentos de “negociação de identidades” (Menezes *et al*, 2004) com vistas à criação de um ambiente de confiabilidade para apresentação de informações e de expressão do pensamento sobre o trabalho na cana.

As entrevistas foram realizadas em diversas ocasiões no período em que os migrantes se encontravam nas suas respectivas cidades. Assim, houveram entrevistas realizadas na casa do migrante, em espaços de conversa na cidade, no campo de futebol, antes das atividades desenvolvidas pela Pastoral do Migrante junto à comunidade rural. O momento da entrevista não deve constituir um mero ato de coletar dados mediante perguntas verbalizadas pelo entrevistador, mas deve ser um momento de interação entre os dois atores envolvidos, há construir “um contato contínuo, a criação de referências que o aproximem mais com o seu interlocutor, de modo que se construa uma postura científica” (BOURDIEU *et al*, 1999). Uma das ocasiões revela bem esta complexidade que é realizar entrevistas.

Todos os dados produzidos a partir da aplicação de questionários foram tabulados, codificados e se apresentam com instrumentos que ajudaram a demonstrar o perfil dos migrantes, suas rotas e as condições de realização do seu trabalho. Estas entrevistas e as observações registradas servirão neste trabalho como rico subsídio para se aproximar ao máximo das concepções dos migrantes sobre o trabalho nos canaviais, bem como ajudarão a compreender o que motiva jovens já aos 16 anos a desejarem migrar

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Novaes (2007) na pesquisa “Juventude e Integração Sul Americana” já identifica a existência de um fluxo maior de migrantes no sentido de ir para o Sudeste, especificamente para São Paulo, além do Centro-Oeste. Parte considerável desses migrantes advém do nordeste e estão, em sua maioria, com idade entre 16 e 30 anos. No caso da Paraíba, pesquisadores como Garcia Jr. (1989) Menezes (1985; 2002) e Silva (2006) já vêm observando há algum tempo a reprodução dessa estratégia entre os trabalhadores do agreste e no sertão. Porém, o contexto se transformou e o que se verifica recentemente é a saída de trabalhadores dos municípios mais do sertão paraibano com vistas a trabalhar nos canaviais. A figura 1.0 representa bem, a partir dos questionários que aplicamos associados à entrevista, essa nova dinâmica que direciona os migrantes mais para o interior do Estado de São Paulo e não para capital. Existe naqueles municípios um grande contingente de usinas instaladas e franca expansão dos seus mercados. Estão listados na figura os principais municípios paulistas receptores de migrantes.

Na figura abaixo, observamos que existem duas grandes áreas centrais para os piranhenses e tavaresenses que chegam para trabalhar nas usinas. Na área escura numerada de 1 a 6 concentram-se os trabalhadores oriundos de São José de Piranhas e na área de 7 a 12 estão os trabalhadores advindos de Tavares.

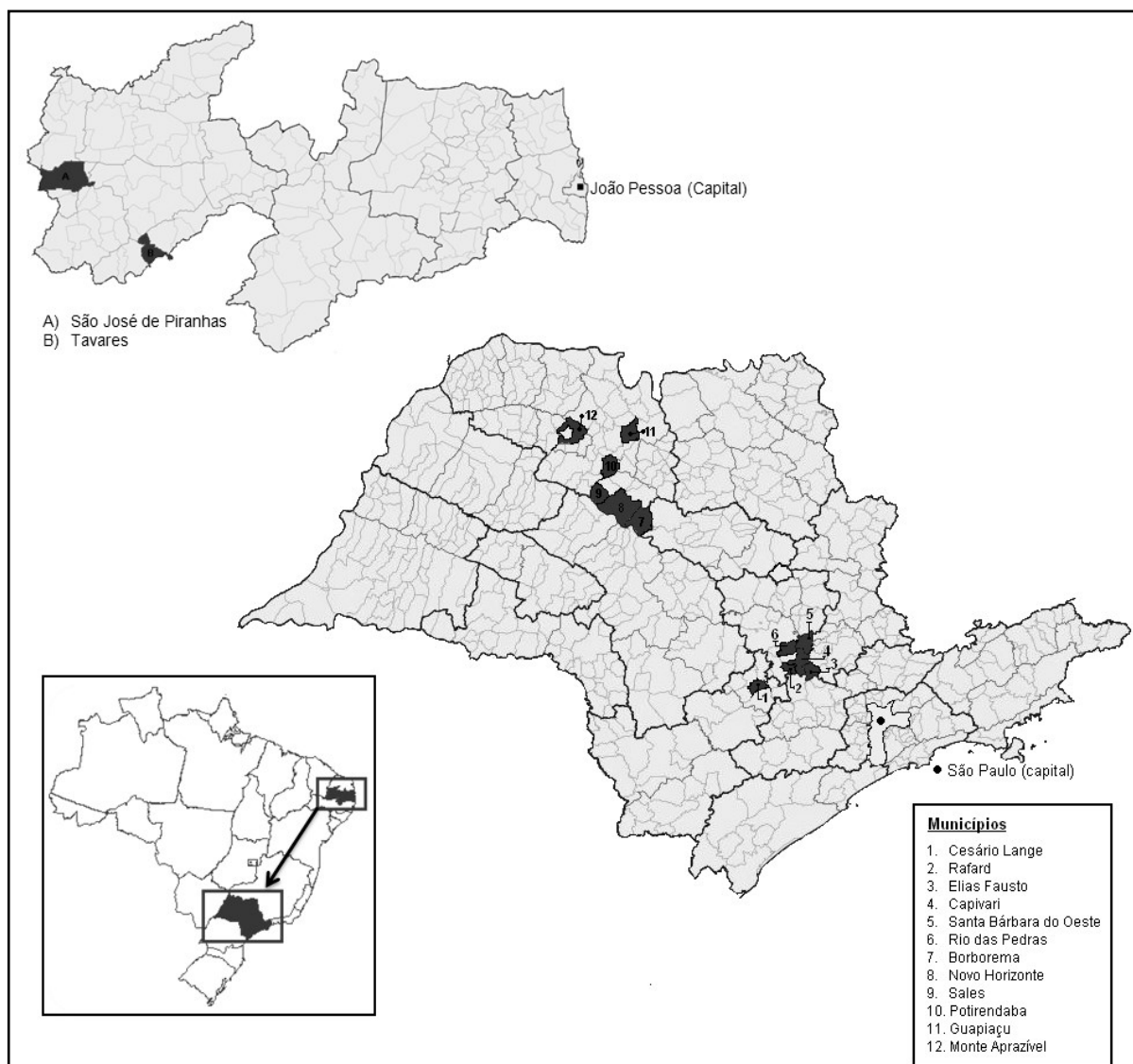


Figura 1: Mapas das cidades destino dos migrantes paraibanos.

Não foi muito difícil de encontrar, no trabalho de campo, cenas de jovens contando aos parentes, colegas, os acontecimentos no canavial quando lá trabalharam na safra que passou; assim como não é raro, no início do ano, a imagem de um grande grupo de trabalhadores embarcando em ônibus com destino justamente para o corte de cana. Estas situações, presenciadas nesta pesquisa e em muitas outras sobre o tema, destacam o processo de transformação no setor sucroalcooleiro de maneira mais intensa no Estado de São Paulo desde a década de 1950 (Novaes, 2005 *et al*) e se intensificaram com o ganho do mercado estimulado por diversos fatores dentre os quais as políticas públicas o que redundou na exigência de mão de obra para alimentar essa agroindústria. Se, portanto, o cenário foi de transformações advindas qual será o perfil atual desses trabalhadores paraibanos que saíram de suas localidades para trabalhar no corte de cana, principalmente no estado de São Paulo?

Já se discute, é bastante verdade, que a prática da migração pode ser pensada como estratégia que reflete, em diversas situações, a tentativa de obter o sustento da família, a autonomia representada pela capacidade de prover as necessidades individuais e pela condição de ser trabalhador e/ou a tentativa de realização dos anseios particulares. Diversos autores (DURHAM, 1973; MENEZES, 1985, 2002; MORAES, 2007e SILVA, 2006) discutem que a migração aparece como estratégia mobilizada para aquisição das condições de sobrevivência. A partir dela, segundo Moraes (2007), os migrantes independentemente de faixa e gênero, traduzem os seus anseios em objetivos concretos de ordem material como comprar casas, motos etc. Com isso, o sentido atribuído às motivações para o trabalho do corte da cana podem ser diversos e relacionados com as condições de sobrevivência no local de origem, o perfil geracional, a história, as experiências particulares dos trabalhadores. As entrevistas, as etnografias, as observações no campo nos deram informações quanto ao perfil daqueles que utilizam a prática da migração.

Observando, em primeiro lugar, a faixa etária dos entrevistados, concluímos que a predominância de jovens utilizando-se dessa estratégia de migração é um eixo fundamental que compõe o perfil dos migrantes. Em verdade, na amostra aleatória da pesquisa, 62,04% dos entrevistados de São José de Piranhas são jovens (em termos etários estão entre 17 e 30 anos); na amostra de Tavares o número chega a 80, 49% dos entrevistados. Os gráficos abaixo mostram mais detalhadamente a ocorrência de migração de acordo com as faixas de idade.

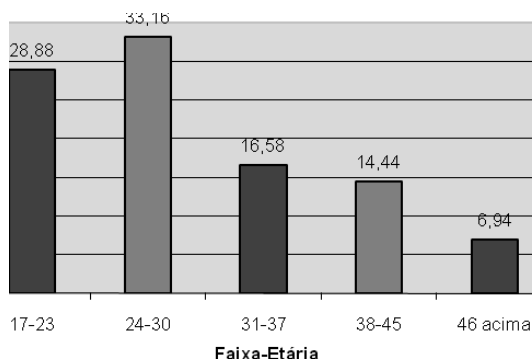


Gráfico 1.0: caracterização etária dos moradores de São José de Piranhas

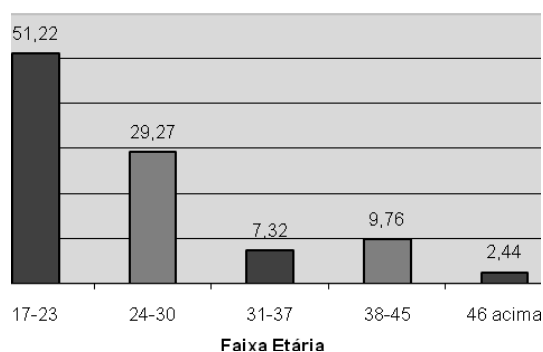


Gráfico 1.1: caracterização etária dos moradores de Tavares

Esta é uma tendência verificada por outras pesquisas como, por exemplo, Carneiro *et al* (2007) que traz dados sobre migrantes do Maranhão que mostram o percentual de entrevistados com idades de 15 a 29 anos de 66,5% da amostra; Novaes na pesquisa Juventude e Integração Sul Americana (NOVAES, 2007) conclui que 64,2% são de trabalhadores jovens. Trata-se de um número significativo de pessoas que optam por abandonar os seus estudos em face do trabalho nos canaviais.

Nos dois municípios existe o atendimento escolar, no caso do ensino fundamental, a cobertura é bastante abrangente de maneira que as facilidades de acesso à escola, se comparadas à períodos anteriores, são um tanto maior, na medida que tem um número maior de escolas, tem programas que favorecem o transporte escolar e a merenda para todos os alunos. Contudo, o que poderá ser verificado nos dados abaixo é um baixo nível de escolaridade.

O ciclo de trabalho no corte da cana é incompatível com o calendário escolar e este é outro dado que precisa ser considerado. Estes jovens migrantes têm uma escolaridade baixa. A necessidade de garantir condições de suprir as necessidades particulares do jovem sem que isso implique ônus financeiro para os

pais resulta no abandono da escola para dedicar-se ao trabalho. O problema que se evidencia nesse caso é como conseguir um trabalho com a escolaridade que tem. Neste caso a solução é o corte de cana. O jovem que vai para cortar cana, tanto no município de São José de Piranhas como em Tavares não consegue, em sua maioria, concluir o ensino fundamental restando poucos casos de jovens que chegam ao ensino médio.

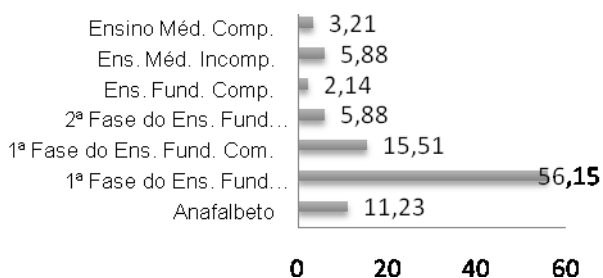


Gráfico 2.0: Nível de escolaridade no município de São José de Piranhas

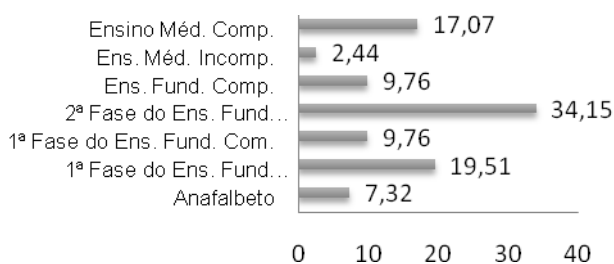


Gráfico 2.1: Nível de escolaridade no município de Tavares

A situação geral da escolaridade dos entrevistados nas duas cidades indicadas pelos gráficos acima consiste na predominância da escolaridade em torno do Ensino Fundamental com as seguintes peculiaridades: os entrevistados de São José de Piranhas obtiveram um nível de escolaridade um pouco inferior, o que corresponde a 56,15% que se limita à 1ª fase do ensino fundamental (na época até a 4ª série) e 15,51% passavam da quarta série, mas não concluíam a segunda fase do fundamental e a minoria, 3,21%, tem o ensino médio concluído. A situação dos entrevistados da amostra de Tavares é um pouco mais avançada uma vez que nesta cidade apenas 19,51% pararam na primeira fase do fundamental, 34,15% chegaram à segunda fase e 17,07% concluíram o ensino médio.

O perfil dos migrantes, portanto, é de uma escolaridade baixa que não perpassa o ensino fundamental. Esses dados reforçam a idéia de que o abandono da escola é uma das conseqüências da opção por migrar para o corte da cana. Stropasolas (2002), Marques (2006) e Menezes (2005), identificam que há, por parte dos rapazes, uma menor disponibilidade para o estudo que é compreendida quando encaixada nesse contexto de desejo de ter um trabalho a partir do qual ele consegue provê as suas necessidades, avança rumo à sua autonomia. Em algumas entrevistas que fizemos pudemos escutar dos rapazes a expressão “não tenho cabeça para o estudo não” e “meu negócio é trabalhar”. Não ter cabeça para o estudo no sentido atribuído pelos jovens entrevistados refere-se à falta de paciência e estímulo para manter-se na escola por nove ou mais anos estudando disciplinas difíceis e, muitas vezes desconexas do seu contexto sem que isso lhe resulte de imediato em um meio de adquirir os recursos necessários ao seu sustento.

Não significa, contudo, que eles não reconheçam que o estudo seja uma possibilidade de realizar os ideais, de conseguir um bom emprego, inclusive com melhores salários e condições de trabalho menos salubres, mas boa parte dos entrevistados considera que o estudo é um investimento para muitos anos e as necessidades não esperam. Mello *et al* (2003) apresenta uma discussão a partir de uma pesquisa realizada em 2000 com famílias do Oeste de Santa Catarina na qual existe uma associação entre escolaridade e renda familiar. A baixa renda e a necessidades são elementos importante que impulsionam o abandono da escola para buscar trabalho. É preciso responder logo às necessidades seja de autonomia, no caso dos jovens seja a manutenção ou sustento da família no caso dos casados. STROPASOLAS (2005) coloca que, no âmbito de cada família existem escolhas a ser feitas com relação às estratégias para viabilizar a reprodução social das condições de existências. O jovem sai para o corte, consegue juntar os recursos necessários, ajuda os pais, adquire animais, terrenos, motos e dá um passo maior no sentido da sua autonomia: a constituição da própria família.

A maioria dos jovens cortadores de cana são solteiros nos dois casos. Considerando apenas o número de entrevistados com idade de 17-30 anos observamos que em São José de Piranhas 75% dos jovens são solteiros e 25% são casados; no caso de Tavares 81,22% dos jovens são solteiros e 18,18% são casados. Este dado reforça a interpretação de algumas autoras (DURHAN, 1973; MENEZES, 1985) sobre um dos diversos aspectos que tornam os jovens mais propensos à migração, a saber, o fato de que eles têm mais facilidades de passar pelo processo de fragmentação da unidade familiar uma vez que estão em um ciclo de vida caracterizado pela busca da independência econômica em relação aos pais e estabelecimento de sua própria família pelo casamento o que implica que ele tenha condições de reproduzi-la. Evidentemente que os casados também fazem a migração sozinhos como forma de reduzir os gastos e maximizar os ganhos para juntar mais dinheiro e ajudar a família, contudo, este é um novo arranjo que será abordado mais à frente quando discutirmos condições de trabalho e moradia nos lugares de destinos.

Esta é uma busca que tem começado muito cedo na vida desses jovens. Os dados colhidos no trabalho de campo revelam que a primeira migração ocorre em sua grande maioria entre jovens na primeira faixa:



17-23 anos correspondendo, no caso de São José de Piranhas a 66,84% das respostas, sendo as idades de 18 e 19 anos as mais frequentes para aquele estrato. No caso de Tavares a primeira migração também é mais recorrente nessa faixa e corresponde a 80,49% das respostas, sendo as idades de 18 e 19 anos as mais citadas. Apesar de a ida para o corte de cana só ocorrer aos 18 anos, quando pelas leis trabalhistas é possível admitir alguém como empregado, a preparação ou melhor a aquisição de conhecimentos sobre lugares para onde ir, possibilidades de postos de trabalhos etc começam sempre antes da idade de trabalhar legalmente.

No trabalho de campo participamos de uma conversa como com cinco jovens que se encontravam na cidade, na sombra de uma árvore. Destes jovens três com idades 18,19,24 e dois com menos de 18 anos. Posteriormente chegou outro rapaz com 29 anos de idade. Os maiores de 18 anos todos trabalharam na safra de 2008 e em outros anos. A conversa destes rapazes ao chegarmos versava sobre o trabalho na cana e também sobre assuntos mais gerais. O interessante é que este consistia em um espaço de sociabilidade dos jovens no qual os que já cortaram cana repassavam informações aos que nunca foram e que estavam propensos a ir para cana no ano de 2009. Um deles, com 17 anos, já estava certo de ir para São Paulo trabalhar com o tio que já se estabilizou por lá. Ao questionar este jovem de 17 anos sobre o por que de ir pra São Paulo ele responde que não tem trabalho para ele e não gosta de estudar. Identificamos nesta situação mais um aspecto importante presente na migração que é a existência de uma rede de informações que orienta o jovem como proceder para conseguir o trabalho e como manter-se no período que está fora da cidade natal. A rede de parentesco e de amizade é um importante referencial que motiva os jovens a estabelecerem os seus destinos quando migram. Isto se verifica nos gráficos abaixo:

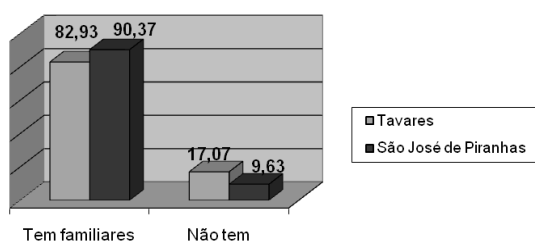


Gráfico 3.0: Existência de familiares no mesmo local onde corta cana

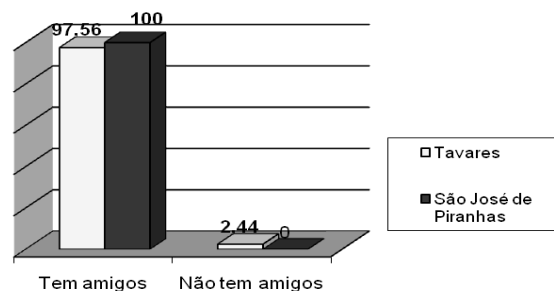


Gráfico 4.0: Existência de amigos no mesmo local onde corta cana

Apesar de as informações serem predominantemente sobre o trabalho no corte de cana, não deixa de existir casos em que familiares indicam pessoas para o trabalho na construção civil, no setor de serviços. Contudo, nestes casos também é fundamental a rede de laços familiares, que além de ajudar a obter o trabalho desempenha também o importante papel de cuidar para que o jovem que chega mantenha os valores familiares seja austero ou como se diz na região para que seja “controlado”. Este, por exemplo, é o caso da família de seu Antônio, 46 anos, que tem três filhos: um maior de idade com vinte anos (migrou com 18) e mora com os tios em São Paulo, não trabalha na cana mas presta serviços; uma moça maior de idade e um rapaz de 15 anos de idade, ambos moram com o pai. O filho que mora em São Paulo, nos conta, manda ajuda quando possível, já tem investimentos em terreno e, numa expressão de orgulho nos afirma: “ele tá bom, trabalha num emprego bom, gosto muito do emprego e o patrão gosta dele [...] Os outros dois filhos moram com ele e sobre como é a relação familiar obtivemos o seguinte depoimento:

“Tem os outros dois morando mais eu, tem uma moça e um rapazinho esse é de menor ainda, tem 15 anos. É o meu caçula. Mas o pensamento é esse ‘na hora que completar a idade, pai, eu vou embora’. Vou fazer o quê?![...] É, saindo daqui fica mais fácil porque vai pra junto da família também e graças à Deus os meninos lá uns menino bom, cabeça boa.

- Ai Ele tem alguma atividade na roça?

Ajuda ele ajuda, em casa ele me ajuda na roça. É eu saio pra ir trabalhar ele fica em casa cuidando das lutas de casa. Ai é isso trabalha e estuda né, tem que ser assim. Tem que estudar, porque hoje se a pessoa num tiver estudo não é nada não, ai é que sofre tem uma vida mais sofrida. Através do estudo as vez surge uma oportunidade de emprego ai já vai num trabalho mais maneiro, mais civilizado uma renda melhor.

- ai você conversa isso com eles?

Ah eu converso com eles. Que enquanto a pessoa de estudo pouco que ai num teve

uma oportunidade de emprego e vai sofrer trabalhar no corte de cana, que é um sofrimento, de qualquer maneira fica mais difícil né. Ai é esse lado que eu incentivo eles.

O pai segue a conversa falando sobre o incentivo da filha para fazer o concurso da prefeitura de Tavares destacando o seu desempenho na prova e a sua esperança de que ela assuma o emprego. Ao que percebemos existe da parte do pai o reconhecimento da importância do estudo enquanto forma de consecução de um emprego melhor do ponto de vista das condições de trabalho e do salário. Ao enfatizar mais o lado da filha seu Antonio deixa transparecer o fato de aceitação da ida do filho para outra localidade. Existe, contudo, todo um universo de valores morais que são reproduzidos entre os filhos para que eles se orientem na hora de lidar com situações novas como, por exemplo, a situação de migrar seja para o trabalho da cana, seja para o trabalho em outro tipo de indústria. Ter “cabeça boa” e “ser gente boa” são os valores presentes nos discursos do pai que confessa não ter o que fazer em relação ao desejo do filho de 15 anos que legalmente nem pode trabalhar no corte da cana ou em outros serviços mas já pensa em ir para o sudeste aventurar-se na busca de um trabalho e sair da condição de “ajudante” do seu pai.

A saída para o corte da cana coloca o jovem em contato com pessoas em cidades ainda não conhecidas. Eles migram, interagem com outros grupos, frequentam centros urbanos, vestem-se e produzem um visual diferente dos padrões da região de origem, participam de festas etc, mas não perdem a referência do seu local de origem, não abandonam a socialização feita no processo de trabalho agrícola junto aos pais quando ainda estavam na condição de “ajudante” no trabalho agrícola doméstico. Os laços com a família não são perdidos, mas ao contrário, são eles que fazem o jovem ter opção de um lugar para migrar, tendo em vista, que esta prática está enquadrada em um projeto familiar (DURHAN, 1973: 128), além disso, esses jovens e não só eles evidentemente, mantêm contato constantemente com os que ficam, mandam ajuda financeira para casa com certa regularidade. E há sempre o retorno para o período entre safras, muito propício para o descanso do trabalho pesado, para ajustar e resolver questões e para investir o dinheiro que conseguiram acumular.

Diante dessas situações descritas anteriormente consideramos que a rede de informações sobre oportunidades de trabalho é uma referência importante que impulsiona o jovem a migrar para determinada localidade. Para os pais, migrar com outros parentes, amigos de muita confiança dá certa segurança de que o filho não vai extraviar os seus recursos, estará bem cuidado etc. A migração não é exatamente uma ação isolada, mas pelas situações expostas acima, ela é uma prática histórica experimentada no âmbito da família, assim, entre todos os entrevistados já existia na família alguém que migrou.

## CONCLUSÕES

As transformações pelas quais passou o setor canavieiro na expansão de suas lavouras implicou a exigência de maior produtividade e, por conseguinte, mais eficazes mecanismos de condução do processo produtivo que incluem o aumento da disciplina do trabalho. Alves (2007) considera que desde as décadas de 1960-1970 a indústria canavieira instaura uma nova dinâmica de produção que promove um aumento da capacidade produtiva em detrimento do salário e uma cobrança por níveis mais intensos de trabalho. Novaes (2007) considera este aspecto das exigências imanentes à expansão das lavouras de cana para o estado de São Paulo e afirma que é nesse contexto de novas exigências das usinas que ser jovem é um grande diferencial, segundo ele, não só pela força física, mas pelo seu ciclo de vida quando a motivação para o trabalho é muito intensa.

Com essa demanda de mão de obra, com o nível de informação sobre os postos de trabalho, do processo de recrutamento e além da rede de amizade e parentesco, trabalhadores sem perspectiva de emprego nos pequenos municípios, necessitados de completar ter uma renda quando a roça não consegue dar conta, com anseio de melhorar as condições de vida vêem a migração como a possibilidade concreta de garantir melhores condições de sobrevivência.

O grande número de jovens, especificamente de idades de 18 e 23 anos, mostra a continuidade da relação entre a migração e o ciclo de vida conforme já identificado em outras pesquisas (MENEZES, 2002). Na perspectiva do jovem o trabalho da cana, não obstante as condições de sua execução, constitui a possibilidade de obter os recursos necessários para viabilizar a realização dos seus objetivos materiais, os quais poderiam ser exemplificados pela compra de uma moto, de uma casa, terreno ou animais – bens mais adquiridos segundo as entrevistas realizadas, além de, no caso dos jovens, ser uma forte estratégia de obtenção da autonomia. Não é, na opinião dos entrevistados, o melhor trabalho que há, porém, para quem tem pouco estudo, dizem eles, é o que é possível. Como já destacado os questionários aplicados revelam um nível de escolaridade baixo. Esta é, portanto, uma consequência direta da opção de trabalhar no corte da cana, tendo em vista que não há condições de conciliar o trabalho com o estudo. O caso de seu Antônio e sua família mostra como os pais tentam estimular os filhos a estudarem para obter melhores trabalho e salários.

O discurso do “não tenho cabeça pra estudar” e que “a cana é um trabalho certo” são argumentos que

justificam a partida para o Sudeste em busca de trabalho nos canaviais. A concepção é de um trabalho “pesado” mas que tem uma regularidade, m volume de dinheiro atraente no final da safra e que é um início para o processo de melhoramento das condições de vida.

Na projeção de futuro dos jovens, a paisagem dos canaviais ainda aparece como lugar de onde surgirão as condições necessárias para sobreviver e para realização dos sonhos. Isto se verifica nos discursos dos jovens que já iniciaram a migração e reproduz na fala de amigos e parentes que embora não tenham idade para legalmente trabalhar já afirmam que assim que puderem irão também para o corte de cana, “porque do jeito que está não dá”.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao CNPQ, pelos investimentos para garantir a existência de pesquisas como forma de produzir conhecimentos que possam resultar em alternativas para o enfrentamento dos problemas nacionais;

À professora Dra. Marilda Aparecida de Menezes pela paciência e dedicação na orientação deste projeto de pesquisa;

Aos cortadores de cana, independentemente de faixa etária, que marcaram a nossa trajetória acadêmica com suas histórias.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Francisco. Migração de trabalhadores rurais do Maranhão e Piauí para o corte de cana em São Paulo. In: NOVAES, J.R. e ALVES, F. (orgs). **Migrantes. Trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos EdUFSCAR, 2007, p.21 -54

BOURDIEU, Pierre. “A juventude não é mais que uma palavra”. IN: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983. P. 112-121

\_\_\_\_\_. “Introdução a uma sociologia reflexiva”. IN: BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil S/A, 1989

BOURDIEU, Pierre. CHAMBOREDON J. C., PASSERON, J.C. Epistemologia e Metodologia. IN BOURDIEU et al. **A profissão de sociólogo**. Preliminares epistemológicas. Petrópolis, Vozes, 1999.

DURHAN, Eunice R. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo: São Paulo: Perspectivas, 1973.

GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. **O sul, caminho do roçado: Estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. Brasília: Editora Marco Zero/Editorada Universidade de Brasília/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1989.

GUIGOU, Jaques. Problemas de uma sociologia da juventude rural. IN: **Sociologia da Juventude II**. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1968. p 73-88

MARQUES, Francisco Roberto de Sousa. **Juventude Rural e assentamentos da reforma agrária: trajetórias e experiências coletivas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

MELLO *et al.* (2003) - "Educação formal e os desafios para a formação de uma nova geração de agricultores" - **XLI Congresso da SOBER** - Juiz de Fora - 27 a 30 de julho.

MENEZES, Marilda Aparecida de. **Da Paraíba pra São Paulo e de São Paulo pra Paraíba: Migração, Família E Reprodução da Força De Trabalho**. 1985. (Mestrado em Ciências Sociais), Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

\_\_\_\_\_. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes**: um estudo de famílias de camponeses-migrantes. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa: UFPB, 2002.

MENEZES, M.A. et al. **Construindo narrativas orais: interações no trabalho de campo**. Cadernos de Campo. São Paulo V.13, N.12, 2004.

MORAES, Maria Dione Carvalho de et *alii* Andando pelo mundo – significados da migração temporária do Piauí para a agroindústria canavieira paulista. In: NOVAES, J.R. e ALVES, F. (orgs). **Migrantes. Trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos EdUFSCAR, 2007. P 215-232

NOVAES, J.R.P. et *all*. **Migrações dos trabalhadores do Maranhão e do Piauí para o trabalho na lavoura canavieira de São Paulo e Rio de Janeiro**; Projeto de Pesquisa, 2005

NOVAES, José Roberto *Et al*. **Situações tipo e organizações sociais, Pesquisa Juventude e Integração Sul Americana**, IBASE/POLIS/IDRC.(Relatório de Pesquisa) 2007. UFRJ

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Caminho de construção da pesquisa em ciências humanas. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles , org. **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: UNESP & HUCITEC, 1998.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro SC**. 2002. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, Marcelo Saturnino da. **Entre o Bagaço da Cana e a Doçura do Mel: Migrações e as Identidades da Juventude Rural**. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande. Dissertação de Mestrado. 2006.

TARGINO, I. , MOREIRA, E.. *Migrações sazonais e saúde do trabalhador*. IN: **Travessia**, Vol. VII, No. 20, Set.-Dez., 1994, pp. 13-6.

WOORTMANN, K. **Migração, família e campesinato**. In: Revista Brasileira de Estudos de População, jan/jun. 1990, p.35-53.